



**UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
UNIDADE ACADÊMICA DE SERRA TALHADA
DEPARTAMENTO DE LETRAS**

**O DISCURSO DA VIDA DO SERTANEJO NAS CANÇÕES DE LUIZ
GONZAGA**

***THE DISCOURSE OF THE LIFE OF THE SERTANEJO IN
THE SONGS OF LUIZ GONZAGA***

Autor(a): Millena Granja Nunes¹
Orientadora: Lílian Noemia Torres de Melo
Guimarães²

**SerraTalhada
2022**

¹ Universidade Federal Rural de Pernambuco.

² Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco.

MILLENA GRANJA NUNES

**O DISCURSO DA VIDA DO SERTANEJO NAS CANÇÕES DE
LUIZ GONZAGA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de graduação licenciatura em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco, como requisito para obtenção do título de graduação de licenciatura em Letras Português/Inglês.

Serra Talhada
2022

Resumo:

Este trabalho busca averiguar o discurso da vida do sertanejo, através das canções de Luiz Gonzaga que evidenciam o sertão nos seus aspectos identitários, sociais e culturais. Fizemos uso de uma metodologia de caráter interpretativo e qualitativo. Como *corpus* geral, analisamos o álbum de Luiz Gonzaga, o Rei volta pra Casa, lançado em 1982, composto por 14 canções. Fundamentamo-nos teoricamente em Van Dijk (2004, 2008), Chouliaraki e Fairclough (1999), Fairclough (2001), Wodak (2004), Resende e Ramalho (2019), no tocante à Análise Crítica do Discurso, e Oliveira (1998) e Garcia (1987), referente aos aspectos que tratam sobre o sertão. Como resultado, verificamos que as canções de Luiz Gonzaga, compondo um acervo de pluralidade que trata do sertão e da vida daqueles que lá residem, conseguem, por meio de sua construção discursiva, dar uma visibilidade social ao sertanejo como aquele que tem uma história de vida representada por valentia e pelo apreço de sua cultura.

Palavras-chaves: canções, discurso, Luiz Gonzaga, sertanejo

Abstract:

This work seeks to investigate the discourse of the life of the sertanejo, by Luiz Gonzaga's songs show the sertão in its identity, social and cultural aspects. We used an interpretative and qualitative methodology. As a general *corpus*, we analyzed Luiz Gonzaga's álbum, O Rei Volta pra Casa, released in 1982 composed of 14 songs. We are theoretically based on Van Dijk (2004, 2008), Chouliaraki and Fairclough (1999), Fairclough (2001), Wodak (2004), Resende and Ramalho (2019), regarding Critical Discourse Analysis and Oliveira (1998) and Garcia (1987), referring to aspects that deal with the sertão. As a result, we verified that Luiz Gonzaga's songs composing a collection of plurality that deals with the sertão and the lives of those who live there, achieve, through their discursive construction, to give social visibility to the sertanejo as someone who has a life story represented by courage and appreciation of their culture.

Keywords: songs, speech, Luiz Gonzaga, sertanejo

Introdução

O Brasil é um dos países mais ricos em cultura e multiplicidade de povos. Desde o ano de 1500, vários imigrantes vieram para o país para explorar as riquezas nele existentes. Essas imigrações foram o principal fator para o país ter uma diversidade de culturas, de costumes, de crenças etc. Tal diversidade influenciou para que as regiões do Brasil fossem denominadas como região norte, nordeste, centro-oeste, sudeste e sul.

A mídia de modo geral apresenta a região sul (levando em consideração as regiões sudeste e centro-oeste) como uma das regiões mais poderosas do país, provenientes de seus aspectos socioeconômicos, e apresenta a região norte/nordeste, como aquela privilegiadamente atrelada à sua dificuldade econômica. Esta apresentação reflete, conseqüentemente, na visibilidade que as pessoas as quais residem em tais regiões vão ter na sociedade.

A partir disso, perguntamo-nos se o Nordeste sempre foi considerado uma região pobre. Sabemos que ele apresenta uma área que compreende boa parte do país, e, hoje, devido principalmente a fatores climáticos e socioeconômicos, sofre com o desemprego e com a desigualdade social. Entretanto, segundo Garcia (1987), o Nordeste já foi uma das regiões mais ricas da América, propício à exploração do Pau-Brasil e da cana-de-açúcar. Nesta região se concentravam boa parte dos imigrantes, apenas quando houve a descoberta do ouro em Minas Gerais e o cultivo do café em São Paulo foi que a população europeia começou a imigrar para esses estados, iniciando, assim, uma disputa de poder entre norte/sul devido às condições econômicas. Por sua vez, o Nordeste passaria a não ter tanto investimento quanto o Sul, ocasionando, assim, uma série de diferenças que acabavam colocando à margem da sociedade aqueles que o habitavam.

Com o passar do tempo a região Nordeste era vista como uma região cada vez mais desigual. Alguns fatores contribuíram para essa situação, como o fator climático, principalmente no sertão, que sofre até hoje com a escassez de água e isso acaba prejudicando grande parte da população, tendo que se desfazer de bens materiais, esses quando não são perdidos drasticamente, durante o período da seca.

Todas essas dificuldades prejudicam a população sertaneja, embora uma maioria consiga sobreviver na terra e tirar o seu sustento a partir da agricultura. Essa permanência no sertão demonstra a força e a valentia do sertanejo, que

está associada ao contexto histórico do sertão. Oliveira (1998) aponta: “a força de seu habitante aparece relacionada à capacidade de interagir com a natureza múltipla. O Cabra, o Cangaceiro, aparece como uma encarnação do herói sertanejo” (p.196).

É por isso que os sertanejos são vistos como “Cabra da peste” e, mesmo não conseguindo grandes cargos em empregos – isso também depende da escolaridade, que muitas vezes é baixa ou inexistente – vários trabalhadores dedicam-se à colheita da cana-de-açúcar, da laranja, algodão e outras. Nisso existe um elevado índice de migrações para a região sul durante todo o ano. No início das lavouras, uma maioria dos homens sertanejos viaja para essas regiões. A própria empresa organiza os seus transportes para garantirem a ida da mão de obra. Quando esse período acaba, os mesmos são dispensados, retornando a sua terra natal.

Os canais midiáticos utilizam-se dessas questões para se referir ao sertanejo como um homem sofredor e de poucos valores. Os jornais, por exemplo, noticiam a imagem social do sertão como um lugar seco e atrasado. Filmes e novelas também apresentam elementos que o referenciam como sendo um lugar subdesenvolvido.

Outros gêneros, do mesmo modo, fazem referência ao sertão e aos seus nativos. A música é um exemplo. Canções escritas por sertanejos ajudam na alusão à terra com um tratamento muitas vezes diferenciado, descrevendo com mais detalhes a região e os seus moradores. É capaz de transmitir valores, sentimentos, questões sociais, além disso, é uma prática cultural e humana e isso proporcionou a selecionarmos como sendo o objeto de nossa pesquisa. Para tal, temos um artista da terra muito famoso, o pernambucano Luiz Gonzaga, que apresentou, por meio da música, o Sertão para o Brasil e o mundo, desmistificando as histórias constituídas ao longo dos anos.

Com base nisso, questionamo-nos como o compositor Luiz Gonzaga juntamente com outros artistas da região representou a vida do sertanejo por meio de algumas canções.

A partir disso, o objetivo geral de nossa pesquisa visa averiguar o discurso da vida do sertanejo, através das canções de Luiz Gonzaga que evidenciam o sertão nos seus aspectos identitários, sociais e culturais. Nossos objetivos específicos se delimitam em: (I) identificar como está representada a imagem do

povo sertanejo nas canções; e (II) analisar o discurso de força e poder nas canções.

Ao tentarmos atingir tais propósitos, estaremos compreendendo as possíveis relações entre o contexto histórico do sertão e as atribuições de identidades do sertanejo que são veiculadas pelos discursos construídos em músicas escritas por nordestinos.

Como *corpus* da pesquisa, selecionamos as canções compostas por Luiz Gonzaga, em parceria com alguns artistas nordestinos, que estão presentes no álbum “ O Rei volta pra casa”, lançado em 1982. A metodologia terá um caráter qualitativo e interpretativo.

Para dar fundamento a nossa investigação, buscamos auxílio em Teun Adrianus Van Dijk (2004, 2008), Norman Fairclough (2001), Ruth Wodak (2004), Resende e Ramalho (2019) e outros que versam sobre a Análise Crítica do Discurso, além de Oliveira (1998) e Garcia (1987) que tratam sobre o sertão.

Nosso trabalho está dividido em quatro seções, a primeira apresentará a ACD (Análise Crítica do Discurso), seu histórico, e os pressupostos teóricos que dão ênfase a nossa pesquisa. A segunda abordará a vida do cantor e compositor Luiz Gonzaga, sua carreira musical, colegas de trabalho, bem como a vida no sertão diante o período em que vivera. Além disso, apresentará as principais temáticas tratadas nas canções. A terceira irá trazer a metodologia da pesquisa e as análises das canções. Por fim, traremos nossas considerações finais e as referências bibliográficas.

1. Panorama geral da Análise Crítica do discurso

A Análise Crítica do Discurso (ADC) é uma abordagem teórica-metodológica que dá sequência à Linguística Crítica (LC), iniciada na década de 1970 na Universidade de East Anglia. Essa Linguística trabalhava com método na análise da linguística textual, que tinha a proposta de uma linguística instrumental voltada para o campo do Funcionalismo. O Funcionalismo investiga o sistema interno das línguas e o papel do indivíduo dentro da sociedade. Para isso, a compreensão das implicações de funções sociais na gramática é central à discursão que relaciona linguagem e sociedade (RESENDE; RAMALHO, 2017).

Segundo Magalhães (2005), a Linguística Crítica analisa o discurso a partir de pequenas amostras de texto consideradas como independentes ou autônomas, enquanto a ADC estuda o texto nos diferentes eventos sociais, no contexto sócio-histórico. Logo a LC e a ADC são campos de pesquisa que investigam o discurso nas suas relações estruturais, discriminação e poder na linguagem.

Os termos Linguística Crítica (LC) e Análise Crítica do Discurso (ACD) são freqüentemente usados como sinônimos. Na verdade, nos últimos tempos parece que o termo ACD tem sido preferido, e tem sido usado para referir-se à teoria anteriormente identificada como LC. (WODAK, 2004, p.224).

Na teoria linguística são rejeitados dois dualismos prevalecentes, o primeiro refere-se à linguagem como sistema autônomo e independente, e o segundo refere-se ao conteúdo e à forma em como estão inseridas no texto/discurso, conforme aponta Fairclough (2001).

Em 1979, Fowler, Kess, Hodge, e Trew publicaram “Language and Control” (Linguagem e Controle), livro que tinha como foco principal os estudos dos conceitos de poder e ideologia. Na década de 1980, o linguista Norman Fairclough, da Universidade de Lancaster, usou o termo “Análise Crítica do Discurso”, em um artigo publicado em 1985 no periódico Journal of Pragmatics.

Na década de 1990, a Análise Crítica do Discurso consolidou-se como disciplina com atuação na área do discurso, elaborada por um grupo de pesquisadores que se reuniram em um simpósio ocorrido em Amsterdã, capital da Holanda. Teun Van Dijk, Norman Fairclough, Gunter Kress, Theo Van Leeuwen e Ruth Wodak são os principais nomes desse grupo. Esse encontro durou dois dias e tais linguistas puderam discutir projetos relacionados ao racismo, discriminação, violência, sexo, identidade de gênero.

Ainda nessa mesma época foi lançada a revista Discourse and Society (1990), de Van Dijk, que foi um dos passos iniciais para a investigação do discurso. A partir de então, foram publicados outros livros e periódicos, como o Papers on Language and Society, de Ruth Wodak (1989) e Language and Power, de Fairclough (1989). Essas publicações foram essenciais para dar continuidade às pesquisas na ACD. A partir de então vários pesquisadores se interessaram nessa área e também pelas ciências sociais.

Dentre tantas temáticas importantes desenvolvidas por este campo teórico, o poder e sua relação com o discurso é um dos aspectos mais enfatizados e que merece destaque em nossa pesquisa. Vejamos uma breve abordagem sobre eles na próxima subseção.

1.1 Noções de discurso e poder

A palavra discurso é acompanhada de vários significados, denominando os mais variados tipos de linguagens, seja ela oral e escrita.

Numa concepção mais abstrata, o discurso – a linguagem como prática social – é visto como um momento irreduzível da vida social, em constante articulação dialética com outros momentos de práticas sociais: ação/interação; relações sociais; mundo material e pessoas, com suas crenças, valores, atitudes, histórias. (RAMALHO, 2012, p.183)

Podemos dizer então que no discurso é analisado todo tipo de comunicação, considerando os aspectos sociais, políticos e identitários que envolvem uma comunidade. Van Dijk (2008) afirma que “observar como as pessoas falam em bares e em lugares públicos são aspectos importantes para os estudos na ACD”, considerando também o tempo e o espaço em que esses indivíduos ocupam. Para essa corrente de estudos críticos, a relação linguagem-sociedade é interna e dialética, o que significa que “questões sociais são em parte questões de discurso” e vice-versa (CHOUJARAKI & FAIRCLOUGH, 1999, p. vii).

Para Fairclough (2001), discurso é ambíguo porque, além de remeter à prática social discursiva, ele também concentra a um grupo particular que detém do seu próprio discurso dentre suas ações. Identificamos esses discursos, especificamente, nos grupos religiosos, político e midiático.

Esses diferentes tipos de análise (observação, descrição etc.) podem se combinar e se sobrepor de muitas maneiras, de tal modo que uma investigação pode se concentrar na semântica da narrativa, na retórica do discurso político, na pragmática da conversação ou na semiótica do estilo. (VAN DIJK, 2008, p.11)

Essas análises se dividem em duas metodologias de pesquisas, são elas: as descrições qualitativas e as descrições quantificadas. As análises serão qualitativas dos detalhes da estrutura discursiva, considerando a parte

instrumental, que observa os conflitos e as consequências do discurso, “mas se tivermos muitas análises de dados, essas descrições podem ser quantificadas” (VAN DIJK, 2008). Essas descrições se referem aos diversos temas que podem ser encontrados em uma determinada pesquisa.

A ACD também se concentra em investigar o abuso de poder que envolve relações de diferenças existentes entre grupos que permeiam a sociedade. Sobre tal aspecto, Van Dijk (2008) destaca:

Sintetizando uma complexa análise filosófica e social, definiremos poder social em termos de controle. Dessa maneira, os grupos possuem (maior ou menor) poder se forem capazes de exercer (maior ou menor) controle sobre os atos e as metas dos (membros de) outros grupos. (VAN DIJK, 2008 p.117).

O controle sobre esse poder está associado ao domínio de um grupo sobre outro, ou sobre a sociedade. Segundo Wodak (2004), o domínio pode também está associado aos gêneros textuais, principalmente pelo discurso da mídia, através das produções jornalísticas, noticiários e entrevistas, na formulação das palavras e nos atos de fala que são utilizados.

Tais questões relacionadas ao poder, ao controle, ao domínio podem se fazer presente em diversos outros domínios discursivos e gêneros, como é o caso da música. Discursos e ideologias são materializados por meio de textos, por meio de letras de canções. Isso acontece, por exemplo, em canções escritas e publicadas por artistas diversos, como Luiz Gonzaga. Sendo assim, antes de nos debruçarmos sobre as músicas de tal compositor, iremos expor na próxima seção uma breve biografia deste singular artista sertanejo e nordestino e tecer uma breve contextualização sobre a terra, o sertão, que tanto influenciou em suas composições.

2. Luiz Gonzaga e o sertão nordestino

Luiz Gonzaga do Nascimento, mais conhecido como Luiz Gonzaga, nasceu no dia 13 de dezembro de 1912, na fazenda Caiçara, povoado do Araripe, município de Exu, no sertão pernambucano. Filho do sanfoneiro, Januário José dos Santos, e de Dona Ana Batista de Jesus, recebeu esse nome por ter nascido no dia de Santa Luzia.

O menino era um sertanejo de vida simples, sua mãe dona de casa e seu pai agricultor e afinador de sanfonas, muito conhecido na comunidade. Desde pequeno Luiz ajudava seus pais. Durante o dia, trabalhava no roçado e à tardezinha observava o pai consertar sanfonas. Enquanto o pai consertava instrumentos, ele ia os experimentando para ter certeza de que o instrumento estava sem defeitos e de que estava pronto para ser utilizado. A partir daí a história de Luiz Gonzaga na música iniciava-se, pois ele já sabia o que queria para o futuro, ser um tocador de sanfona.

Sua primeira apresentação aconteceu numa comunidade próxima a sua casa, para substituir o sanfoneiro, que não compareceu. Com o primeiro cachê, esse recebido pelo coronel da cidade, Luiz comprou sua sanfona e continuou a divertir e a animar os festejos da localidade.

Mas, depois uma surra que levou da mãe, devido a um namoro proibido com a filha do coronel, o sanfoneiro fugiu de casa em direção à cidade do Crato no Ceará. Lá, ele se alistou no exército e saiu em missões, principalmente na revolução de 1930, em diferentes estados, na Paraíba, Pará, Ceará, Piauí, Rio de Janeiro e Campo Grande.

Após esse período, em 1939, Luiz “pediu baixa” do exército para seguir na vida de cantor. Viajou para o Rio de Janeiro numa tentativa de vida melhor, cantou em barzinhos, mangue e nos cabarés na Lapa, mas não surpreendia os ouvintes.

No Rio de Janeiro, Luiz conheceu alguns universitários cearenses, que lhe propuseram cantar canções forrozeiras, pois elas já faziam parte do seu repertório e, com isso, poderiam ter sucesso entre as demais já tocadas na região.

Luiz Gonzaga, cantando forró e baião, ganhou notoriedade e reconhecimento na região sudeste, participou de programas de TV e em rádios, conseguindo atingir nota máxima em audiência, com as suas canções apresentando a região nordeste para o país.

No Rio de Janeiro, também, ele conheceu sua primeira esposa, Odaléia Guedes dos Santos e teve seu primeiro filho, Luiz Gonzaga do Nascimento Junior, mais conhecido como Gonzaguinha, quando o menino tinha dois anos Odaléia faleceu.

Após tanto sucesso, Luiz volta para o sertão e encontra Humberto Teixeira (1915-1979) e Zé Dantas (1921-1962), principais parceiros do cantor, que juntos compuseram a maior parte de suas canções, destacando-se Asa Branca, “No meu Pé de Serra e Vozes da Seca.

Luiz Gonzaga volta para o sertão, com muita alegria, porém, no sertão ele luta contra um câncer de próstata durante alguns anos, e chega a falecer no dia 2 de agosto de 1989, vítima de uma parada cardíaca, na cidade de Recife.

2.1 Sertão Nordestino

O nordeste brasileiro possui uma área de 1.561.177.8 km², destes 962.857.3 KM² representa o polígono das secas. É composto por nove estados, Paraíba, Pernambuco, Bahia, Ceará, Rio Grande do Norte, Sergipe, Alagoas, Maranhão e Piauí e estar dividido em quatro sub-regiões, que são: Sertão, Meio-norte, agreste e Zona da Mata.

Na região nordeste encontra-se boa parte das belezas naturais do país, por exemplo, o arquipélago vulcânico em Fernando de Noronha, as praias de Natal e João Pessoa. O processo intenso da industrialização também é um aspecto importante no crescimento da região.

Embora tenha toda essa riqueza, o nordeste apresenta um alto índice de desemprego, principalmente no sertão. Devido à mudança de clima, semiárido e seco, os sertanejos são as pessoas mais prejudicadas, sendo obrigados a sair da sua terra natal para conseguir melhor condição de vida nas regiões vizinhas. Isso fica evidente em um trecho da canção Asa Branca de Luiz Gonzaga, que narra a vida do sertanejo: “ hoje longe, muitas léguas numa triste solidão espero a chuva cair de novo pra mim voltar pro meu sertão”.

A partir deste primeiro olhar para os aspectos que envolvem o Sertão nordestino, como também para a biografia do compositor e cantor Luiz Gonzaga, traçamos a metodologia de nossa pesquisa, a qual será brevemente exposta na próxima seção.

3. Metodologia de pesquisa

O *corpus* geral de nossa pesquisa são músicas do cantor Luiz Gonzaga, mais conhecido como o Rei do Baião, que marcou décadas com seu estilo musical e com os temas abordados nas canções, como: pobreza, seca, migração, fome, etc.

Como critério de seleção de tal material, selecionamos as canções compostas pelo cantor, em parceria com outros artistas nordestinos, que estão presentes no álbum “o Rei volta pra casa”, lançado em 1982. As canções, mesmo sendo lançadas nesta década, foram compostas nos anos de 1947 a 1953. Escolhemos este álbum, pois ele reúne um grande acervo de músicas do cantor, sendo um total de 14 músicas.

A fim de termos um *corpus* mais específico para apresentarmos as análises neste artigo científico, tendo em vista o seu espaço reduzido, destas 14 músicas, escolhemos três.³

O critério para essa escolha foram os elementos aos quais identificamos que eram recorrentes no *corpus* mais geral (aqueles que demonstravam a história do sertanejo e seus valores culturais) e isso permitiu que tivéssemos considerações mais gerais que contemplassem todo o material selecionado para ser analisado.

Desse modo, as músicas selecionadas foram: **Asa Branca** e **No meu Pé de Serra**, composições Luiz Gonzaga, juntamente com Humberto Teixeira, (advogado cearense) e **Vozes da Seca**, com Zé Dantas. Para tal, utilizamos do caráter qualitativo e intertextual.

4. Análises

Nesta seção, iremos expor as três canções com suas referidas análises logo após cada exposição. Retomando os nossos objetivos, pretendemos, de um modo geral averiguar o discurso atribuído ao sertanejo nas letras dessas músicas, identificando, especificamente, como está representada a imagem do povo sertanejo nas canções, e analisando o discurso de força e poder nas composições.

³ Disponível em <https://www.lettras.mus.br/luiz-gonzaga/discografia/o-rei-volta-para-casa-1982/>. Acesso em: 09 de maio de 2022.

Canção 1: Asa Branca

Quando olhei a terra ardendo
 Qual fogueira de São João
 Eu perguntei a Deus do céu, ai
 Por que tamanha judiação
 Eu perguntei a Deus do céu, ai
 Por que tamanha judiação?

Que braseiro, que fornalha
 Nem um pé de plantação
 Por falta d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão

Por farta d'água perdi meu gado
 Morreu de sede meu alazão

Inté mesmo a asa branca
 Bateu asas do sertão
 Entonce eu disse, adeus Rosinha
 Guarda contigo meu coração

Entonce eu disse, adeus Rosinha
 Guarda contigo meu coração

Hoje longe, muitas léguas
 Numa triste solidão
 Espero a chuva cair de novo
 Pra mim voltar pro meu sertão

Espero a chuva cair de novo
 Pra mim voltar pro meu sertão

Quando o verde dos teus olhos
 Se espalhar na plantação
 Eu te asseguro não chore não, viu
 Que eu voltarei, viu
 Meu coração

Eu te asseguro não chore não, viu
 Que eu voltarei, viu
 Meu coração

A música Asa Branca foi composta por Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira, em 1947, e foi gravada no mesmo ano da composição. Sendo uma das

canções mais conhecidas do Rei do Baião, ela tornou-se um clássico do forró, ritmada pela sanfona e pelo triângulo, instrumentos utilizados pelo cantor. Asa Branca foi gravada mais de 300 vezes por artistas brasileiros, como Gilberto Gil, Elba Ramalho e Dominguinhos. E também foi gravada em versão em inglês, interpretada por David Byrne e Raul Seixas.

O discurso construído pela composição sobre o sertanejo privilegia o olhar para a seca enfrentada por este grupo social durante o ano, e todo o sofrimento vivido por ele, decorrente desta seca, o que o impulsiona a migrar da sua região para encontrar auxílio em outros estados.

A primeira estrofe é um exemplo que já aborda a dificuldade vivida pelo sertanejo, quando expõe: “Quando olhei a terra ardendo, Qual fogueira de São João, Eu perguntei a Deus do céu, ai Por que tamanha judiação”. Por meio desta estrofe, podemos identificar que a representação da imagem do sertanejo é pautada no olhar desse próprio grupo social para a natureza, para a região que vive, para a seca, a qual muda toda a sua perspectiva de vida no sertão. O sertanejo, na canção, indaga a Deus, pai todo poderoso, sobre todo o sofrimento vivido decorrente dos percalços que a seca causa e que, conseqüentemente, impedem a felicidade deste povo em região natal.

Mais adiante, a canção vai expondo e enfatizando os momentos de frustração e de dificuldade em que vive o sertanejo, pela perda de seus bens e pelos danos que acontecem devido à falta de água. Tal representação de um sertanejo calejado e frustrado com suas perdas fica evidente, por exemplo, quando a música diz: “perdi meu gado, morreu de sede meu Alazão”. A saída da Asa Branca, pássaro com o canto rouco, representando a tristeza da região, e do seu povo, também demonstra todo um discurso construído de sofrimento do sertanejo, pois até os pássaros, que possivelmente trariam uma alegria para a região, com os seus cantos, não aguentam as mazelas do local retratado e, por isso, migram de lá, sendo assim mais uma perda para o sertanejo: “Inté mesmo a asa branca, Bateu asas do sertão”.

As próximas estrofes da música intercalam um discurso que trata da saída do sertanejo da região e de todo o seu sofrimento saudoso, em estar longe de casa, quando diz: “hoje longe muitas léguas numa triste solidão”, com o discurso que também representa a força desse grupo na esperança de voltar para casa, para o seu lar, para as suas famílias que permanecem no sertão, sendo

representada na canção por Rosinha: “Eu te asseguro não chore não, viu, Que eu voltarei, viu, Meu coração”.

Canção 2: Vozes da Seca

Seu doutô os nordestino têm muita gratidão
Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão
Mas doutô uma esmola a um homem qui é são
Ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão

É por isso que pidimo proteção a vosmicê
Home pur nós escuído para as rédias do pudê
Pois doutô dos vinte estado temos oito sem chovê
Veja bem, quase a metade do Brasil tá sem cumê
Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage
Dê cumida a preço bom, não esqueça a açudage

Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiage
Lhe pagamo inté os juru sem gastar nossa corage
Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão
Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação!
Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão
Como vê nosso distino mercê tem nas vossa mãos

Em 1953, Luiz Gonzaga e Zé Dantas lançaram a canção Vozes da Seca, que faz alusão à seca que deixou muitas famílias famintas nesse período. A música relata as dificuldades que o sertanejo enfrenta durante a seca, sendo obrigado a emigrar para o sul.

Nos primeiros versos, está exposto o agradecimento que o sertanejo tem para com os sulistas durante o período de estiagem no sertão. A necessidade econômica que o nordestino enfrenta faz com que ele deixe a vergonha de lado e implore por um emprego, como está listado em: “Mas doutô uma esmola a um homem qui é são ou lhe mata de vergonha ou vicia o cidadão”.

Nos próximos versos, fica evidente um discurso que explora a pobreza que o sertão enfrenta durante a seca e, novamente, o pedido de ajuda do grupo social sertanejo aos sulistas para poder ter uma mesa farta. Isso fica evidente em: “Dê serviço a nosso povo, encha os rio de barrage Dê cumida a preço bom”. Esse discurso que preza por um pedido de ajuda do sulista é reiterado em toda a canção. Ou seja, há uma representação do nordestino sertanejo como aquele que clama por melhores condições de vida para o seu povo.

No fim da letra, a composição expõe um discurso que procura enaltecer a história de vida do nordestino, uma história que representa a força e a coragem vivida por tais atores sociais. Os versos “Lhe pagamo inté os juru sem gastar nossa corage”, demonstram que o sertanejo se submete a uma condição precária de trabalho. Ele trabalha para os patrões a fim poder quitar todas as dívidas, as quais foram realizadas, como pagamento adiantado, para mandar dinheiro para família que ficou no Sertão. Mesmo se submetendo a tal trabalho, o sertanejo não perde a coragem.

Na mesma estrofe final, a canção encerra com a seguinte declaração: “Como vê nosso distino mercê tem nas vossas mãos”. Esta referência ao nome “mercê” retoma o substantivo “doutô”, citado constantemente na canção. A nosso ver, há esta menção aos sulistas, como sendo um doutor, pois – sendo este profissional aquele que salva vidas – há um discurso, na música, que demonstra o sulista como aquele, o qual tem a missão de salvar a vida dos sertanejos, da fome e da pobreza. Ou seja, mesmo o sertanejo sendo representado como um grupo forte, ele é tido também como aquele que precisa se assujeitar a determinados grupos sociais para poder sobreviver.

Canção 3: No meu Pé de Serra

Lá no meu pé de serra
Deixei ficar meu coração
Ai, que saudades tenho
Eu vou voltar pro meu sertão
No meu roçado trabalhava todo dia
Mas no meu rancho tinha tudo o que queria
Lá se dançava quase toda quinta-feira
Sanfona não faltava e tome xote a noite inteira

O xote é bom
De se dançar
A gente gruda na cabocla sem soltar
Um passo lá
Um outro cá
Enquanto o fole 'tá tocando
'Tá gemendo, 'tá chorando
'Tá fungando, reclamando sem parar

Lá no meu pé de serra
Deixei ficar meu coração

Ai, que saudades tenho
Eu vou voltar pro meu sertão
No meu roçado trabalhava todo dia
Mas no meu rancho tinha tudo o que queria
Lá se dançava quase toda quinta-feira
Sanfona não faltava e tome xote a noite inteira

A música “No meu pé de serra” é a primeira parceria de Luiz Gonzaga com o advogado Humberto Teixeira, gravada em 1947. A música tem três estrofes e a última é a repetição da primeira.

Nessa canção, fica explícita a saudade que o sertanejo tem do sertão e a vontade de voltar para sua terra natal. O discurso empregado em, “No meu pé de serra”, remete-se à força e à identidade desse sertanejo como um homem valente e corajoso.

Nos versos, “No meu roçado trabalhava todo dia, Mas no meu rancho tinha tudo que eu queria”, vemos a representação de um grupo social trabalhador, que sente falta da sua cultura na roça. Há a construção de uma visibilidade social de que, por mais dificuldades que existam e que impulsionem o sertanejo a buscar melhores condições de vida na região sul, o sertão ainda é tipo por esses atores sociais como uma região que proporciona alguns benefícios durante a estiagem, por meio da agricultura, os quais podem dar subsistência às famílias que vivem na região.

Além disso, há a representação de uma imagem de um sertanejo que, mesmo vivendo dificuldades, é animado, pois ele vivencia uma cultura bastante peculiar da região. Na letra da canção, Luiz Gonzaga dá ênfase a tal cultura por meio das festividades, que são frequentes, mesmo no período da seca: “Lá se dançava quase toda quinta-feira Sanfona não faltava e tome xote⁴ a noite inteira”. Sendo assim, as dificuldades vividas pelo povo do Sertão nordestino não impediam que ele preservasse a animação proveniente de sua cultura.

Mais adiante na canção, podemos verificar a possível construção de um discurso que presa pela imagem de força do sertanejo, mas que, agora, tal força é representada por um sentimento de saudade, a qual o instiga a voltar para a sua terra natal. Nos dois primeiros versos da canção, por exemplo, “lá no meu

⁴ O xote é um ritmo dançado na maioria das festividades sertanejas, principalmente, nas festas juninas.

pé de serra deixei ficar meu coração”, a palavra coração nos indica que esse sertanejo é envolvido por um sentimentalismo, por uma saudade, por um provável apego à terra e àqueles sertanejos que lá ficaram, que o faz sentir a necessidade de voltar para o seu lar.

Todos esses discursos nos permitem avaliar a representação social de um sertanejo que tem uma história de vida a qual vai muito além de uma imagem ancorada no estereótipo de um grupo que é apenas sofredor. Tais discursos nos dão indícios para avaliar o grupo social como sendo aquele que luta por melhores condições de vida, que preza pela sua cultura e que valoriza a sua terra.

5. Considerações finais

Luiz Gonzaga, artista pernambucano, popularmente conhecido pelas suas canções forrozeiras que evidenciam o sertão nas suas diversas características, naturais e identitárias, procura representar a vida do sertanejo em suas inúmeras canções compostas sozinho ou em parceria com outros artistas.

Neste artigo científico, buscamos averiguar o discurso atribuído ao sertanejo nas letras das canções de Luiz Gonzaga. Essas canções versam sobre o enfretamento que o sertão vive durante o período das secas e a determinação do sertanejo em deixar sua terra natal para buscar melhores condições de vida, em outras regiões, para ele e para sua família

Na canção 1 e 2, identificamos, de modo geral, que o discurso construído sobre a vida do sertanejo remete-se às dificuldades econômicas e naturais que esse grupo social enfrentava no período de estiagem. Ou seja, há a representação de um povo sofredor e dependente de auxílio das regiões vizinhas, como vemos na “Vozes da Seca”: letra que chama a atenção do poder público, dos sulistas, para se investir na região.

Na canção 3, percebemos a construção de um discurso de força e poder, expondo a identidade do sertanejo como um “caba valente”, o qual não tem medo de enfrentar o mundo. Na música, preza-se pela valorização do passado desse grupo e pela preservação de sua identidade e de seus valores históricos, demonstrando a saudade que ele tem da sua região e a sua vontade de voltar para casa.

De modo geral, as análises demonstraram a construção discursiva da vida de um sertanejo, que – mesmo se deslocando para outras regiões e se entristecendo em ter de sair de casa para conseguir uma melhor situação econômica – não renuncia a sua própria cultura e os seus valores. A necessidade de sair da sua terra natal é, exclusivamente, devido às condições precárias de vida na região. Mas isso, não impede que haja a admiração pelo sertanejo de sua terra e de sua cultura.

Podemos, com isso, considerar que as canções de Luiz Gonzaga, compondo um acervo de pluralidade que trata do sertão e da vida daqueles que lá residem, conseguem, por meio de sua construção discursiva, dar uma visibilidade social ao sertanejo não apenas como aquele que vive em um local tido como pobre, mas sim, como aquele que tem uma história de vida representada por valentia e pelo apreço de sua cultura.

Referências Bibliográficas

CHOULIARAKI, L. e N. FAIRCLOUGH. 1999. *Discourse in Late Modernity: Rethinking Critical Discourse Analysis*. Edinburgh University Press.

DISCOGRAFIA DE LUIZ GONZAGA. Disponível em: Acesso em: 02 de abril de 2022

ECONOMIA DA REGIÃO NORDESTE. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/economia-da-regiao-nordeste/>. Acesso em: 06 jan. de 2022

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e Mudança Social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

GARCIA, Carlos. **O que é Nordeste Brasileiro**. Coleção Primeiros Passos. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.

MAGALHÃES, Isabel. Introdução: a análise de discurso crítica. D.E.L.T.A, 21: ESPECIAL, p. 1-9, 2005.

NASCIMENTO, Luiz Gonzaga do; TEIXEIRA, Humberto. Asa Branca. Brasil: RCA Victor: 1971.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. A conquista do espaço: sertão e fronteira no pensamento brasileiro. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos [online]**. 1998, v. 5, n. suppl. p. 195-215. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-59701998000400011>>. Acesso em 06 jan. de 2022.

RESENDE, Viviane de Melo; RAMALHO, Viviane. **Análise de Discurso Crítica**. São Paulo: Contexto, 2019.

VAN DIJK, Teun. A. **Discurso e Poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

WODAK, Ruth. Do que trata a ACD: um resumo de sua história, conceitos importantes e seus desenvolvimentos. **Linguagem em (Dis)curso** – LemD, Tubarão, v.4, n.esp, p.223 – 243, 2004.